



A paisagem cultural de Morro Grande: entre meandros e ocupações do Rio Manoel Alves

The cultural landscape of Morro Grande: between meanders and occupations of the Manoel Alves River

El paisaje cultural de Morro Grande: entre meandros y ocupaciones del Río Manoel Alves

Jairo Valdati¹
Mikael Miziescki²
Leonardo Martins Bandeira³

Recebido em: 22 ago. 2023
Aceito para publicação em: 12 fev. 2024

Resumo: Esta pesquisa, cujo contexto é a geografia cultural, teve o objetivo de discutir as relações paisagístico-culturais a partir do Rio Manoel Alves como um componente integrador da paisagem cultural do município de Morro Grande, no extremo sul do estado de Santa Catarina, um dos sete municípios que compõem o território do Geoparque Mundial da Unesco Caminhos dos Cânions do Sul. O percurso metodológico desta escrita adotou a pesquisa bibliográfica como um dos

¹ Doutor e professor no departamento de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

² Mestre e professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc).

³ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Socioambiental da Udesc.

principais procedimentos, com foco nas apropriações e ocupações culturais e históricas do patrimônio abiótico local. Além disso, uma saída de campo foi realizada com o intuito de identificar, inicialmente *in loco*, os principais elementos constitutivos da paisagem morro-grandense e como as materialidades se constituíram a partir desses ambientes. Com base nas proposições de Carl Sauer para uma paisagem como uma relação harmônica entre as barreiras naturais e a sociedade, temos em Morro Grande robustas relações entre o meio social e o natural, sendo este considerado um determinante da paisagem cultural. Com os resultados, foi possível concluir que há espaço para a discussão da existência de uma paisagem cultural em Morro Grande e que esta contém um potencial como patrimônio.

Palavras-chave: cultura; paisagem cultural; geoparque.

Abstract: This research is framed within cultural geography, and its objective was to discuss the cultural-landscape relationships based on the Manoel Alves River as an integrative component of the cultural landscape of Morro Grande municipality, located in the southernmost region of the state of Santa Catarina, one of the seven municipalities that constitute the territory of the Unesco Global Geopark “Caminhos dos Cânions do Sul” (Southern Canyons Pathways). The methodological approach of this work adopted bibliographic research as one of the main procedures, with a focus on the historical cultural appropriations and occupations of the local abiotic heritage. Additionally, a field trip was conducted with the purpose of initially identifying on-site the main constituent elements of the Morro Grande landscape and how materialities were formed from these environments. Drawing from Carl Sauer’s propositions about a landscape as a harmonious relationship between natural barriers and society, Morro Grande exhibits strong relationships between the social and the natural environment, with the latter being considered a determinant of the cultural landscape. Based on these findings, it was possible to conclude that there is room for discussing the existence of a cultural landscape in Morro Grande and that it holds potential as heritage.

Keywords: landscape; cultural landscape; geopark.

Resumen: Esta investigación está enmarcada en la geografía cultural y tuvo como objetivo discutir las relaciones entre paisaje y cultura a partir del Río Manoel Alves como un componente integrador del paisaje cultural del municipio de Morro Grande, en el extremo sur del estado de Santa Catarina. Morro Grande es uno de los siete municipios que conforman el territorio del Geoparque Mundial de la Unesco “Caminhos dos Cânions do Sul” (Senderos de los Cañones del Sur). El enfoque metodológico de este trabajo adoptó la investigación bibliográfica como uno de los principales procedimientos, centrándose en las apropiaciones y ocupaciones culturales históricas del patrimonio abiótico local. Además, se realizó una salida de campo con el propósito de identificar inicialmente *in situ* los principales elementos constitutivos del paisaje de Morro Grande y cómo las materialidades se formaron a partir de estos ambientes. Siguiendo las proposiciones de Carl Sauer sobre el paisaje como una relación armónica entre barreras naturales y la sociedad, en Morro Grande existen sólidas relaciones entre el entorno social y natural, siendo este último considerado un determinante del paisaje cultural. A partir de estos hallazgos, se pudo concluir que existe espacio para discutir la existencia de un paisaje cultural en Morro Grande y que este tiene potencial como patrimonio.

Palabras clave: paisaje; paisaje cultural; geoparque.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise sobre as relações socioambientais a partir do Rio Manoel Alves, tendo o rio em questão como um componente integrador da paisagem cultural do município de Morro Grande, na região sul de Santa Catarina. O município, pertencente ao território do Geoparque Mundial da Unesco⁴ Caminhos dos Cânions do Sul, tem, sob o ponto de vista da chancela, uma preocupação específica com as questões culturais que envolvem a comunidade local, sobretudo as suas relações com o meio natural.

Adentrando o campo teórico do artigo, recorreremos aos elementos culturais da comunidade do município, que foram, por sua vez, descritos aqui tendo como horizonte o conceito de paisagem cultural. Nesse sentido, tem-se a análise do conceito em um item específico, tratando-o pelo ponto de vista teórico e legal e/ou normativo. Fotografias feitas durante a saída de campo são contextualizadas com o objetivo de apresentação e análise do objeto de pesquisa.

A paisagem cultural é um conceito que nasce da paisagem geográfica, que, por sua vez, perpassa a própria construção da geografia como disciplina e ciência. O conceito nos traz uma porção específica do espaço que tem valor cultural para determinada população, de modo a mostrar na sua ocupação um equilíbrio e influência com o meio natural, sendo a própria cultura local um fruto entre a sociedade e natureza que a determina em certo grau.

Em sua história particular, a paisagem cultural se constituiu sob as conferências da paisagem que aconteceram ao longo do século XX no continente europeu. Criada como subcategoria de análise da geografia, é com a Unesco, em 1992, que a paisagem cultural se torna um instrumento de preservação, servindo como selo para determinados territórios interessados nessa chancela. No Brasil, com a Portaria n.º 127, de 2009, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) torna-se o órgão legalmente encarregado do processo de análise e eventual chancela do selo de paisagem cultural.

Ainda sob a tutela da Unesco no que toca à preservação, é criada, em 2001, a rede mundial de geoparques, que tem na geodiversidade e na preservação do meio abiótico os seus objetivos principais. No entanto, mesmo que de forma secundária, mas ainda assim essencial, reside sob o ponto de vista da cultura uma preocupação para a chancela e manutenção dela. As comunidades locais que residem em um território geoparque devem ter seus meios de vida preservados e desenvolvidos de maneira a respeitar a cultura local. No Brasil, temos cinco territórios chancelados como geoparques mundiais da Unesco: Araripe, no estado do Ceará; Seridó, no Rio Grande do Norte; Caminhos dos Cânions do Sul, este dividido entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina; Quarta Colônia e Caçapava, ambos no Rio Grande do Sul.

Adentrando o recorte espacial deste artigo, tem-se o município Morro Grande, pertencente ao território do GCCS⁵ como objeto de pesquisa. Morro Grande é um município com aproximadamente três mil habitantes que fica entre a planície colúvio aluvionar do litoral sul catarinense e as escarpas da Serra Geral. É um território cortado pelo Rio Manoel Alves, o qual contribui para a construção da paisagem por questões que vão desde a geomorfologia do local até as contribuições do ponto de vista cultural para os moradores.

⁴ Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura fundada em 1945, em Paris, na França.

⁵ Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul, pertencente à Rede Mundial de Geoparques da Unesco.

O Rio Manoel Alves tem as suas nascentes no planalto e escarpas da Serra Geral a oeste do território de Morro Grande e corta o município até o limite leste, com a cidade de Meleiro. Dentre as suas características principais, está a grande diferença de intensidade de seu fluxo de água ao longo do ano, tendo uma variação significativa até mesmo em curtos espaços de tempo. Essa diferença faz com que os seus canais mudem com certa frequência, havendo, assim, canais abandonados, que são reativados em eventos pluviométricos intensos. É uma característica marcante do local os canais entrelaçados que, somados à paisagem, se juntam aos seixos rolados e às vezes imbricados, construindo os depósitos que condicionaram e condicionam a ocupação humana na região. Em seção específica sobre a localidade, as configurações naturais e sociais do município são detalhadas em suas especificidades.

AS DIVERSAS PAISAGENS

O conceito de paisagem

O enfoque utilizado para o conceito de paisagem transita de acordo com a metodologia escolhida para discuti-lo. Nesse âmbito, diversos campos do conhecimento, ou mesmo discursos coloquiais, empregam a paisagem como tema especializado ou de uso comum. Não raro temos a filosofia, que se debruça sobre a paisagem a fim de explorar seus limites epistemológicos, ou mesmo a produção literária, que pode, por sua vez, ter na paisagem um campo criativo. A Geografia, especialmente, se constitui como ciência a partir de uma análise naturalista da paisagem, sobretudo pela figura de Alexander von Humboldt, em meados do século XIX. Humboldt foi um naturalista que, ao fazer expedições de cunho científico para inventariar a natureza, propôs também os primeiros passos da ciência geográfica. Tal momento embrionário da disciplina tinha como horizonte uma “abordagem descritiva e morfológica que abordava a natureza do ponto de vista de sua fisionomia e funcionalidade” (Maciel; Lima, 2011, p. 161).

Nesse contexto, a Geografia coloca-se como a ciência que mais explora o conceito de paisagem e chega ao ponto de discutir, em determinado momento de sua história, se não seria a paisagem o seu próprio objeto de estudo (Sauer, 1998). Na Alemanha, país onde a Geografia encontrou terreno mais profícuo para a sua consolidação, o termo *Landschaftskunde*, que significa “estudo da paisagem”, chegou a ser usado para a então área de estudo da geografia, sendo este substituído por *Erdkunde*, que se traduz por “estudo da terra”.

Primeiramente, em uma aproximação mais descritiva e com objetivo de identificar, categorizar e sistematizar a paisagem, a geografia fornece noções primárias sobre como a paisagem se desenvolvia do ponto de vista natural. Por outro lado, o espaço humanizado já fazia parte das preocupações geográficas, gerando, assim, uma distinção entre “paisagem natural”, “paisagem social” e “paisagem cultural”.

A paisagem é vista como um sistema de conceitos, atrelados em três níveis de sistemas ambientais: a paisagem natural (ecossistema), formada pela interação de elementos e componentes naturais e antro-po-culturais; a vista como a área paisagem social, onde vive a sociedade humana, o ambiente de relações espaciais que tem importância existencial para a sociedade; a paisagem cultural, resultado da ação da cultura ao longo do tempo, modelando-se por um grupo social a partir de uma paisagem natural. Inclui a paisagem visual, o percebido e o valorizado (Rodríguez; Silva; Cavalcanti, 2022, p. 52).

Em 1925, em célebre texto intitulado “A morfologia da paisagem”, do geógrafo estadunidense Carl Sauer, tem-se uma nova proposta de concepção para a paisagem. Sauer, numa tentativa de superar a perspectiva sectária do conceito, propõe um tom mais totalizante para a paisagem e que contribui para “definir o conceito de unidade da geografia, para caracterizar a associação peculiarmente geográfica de fatos” (Sauer, 1998, p. 23).

Sauer desenvolve uma concepção de paisagem com a perspectiva de totalizar o espaço, onde a natureza e a sociedade funcionam em um sistema único que resulta na paisagem. Um conceito que busca entender as condicionantes naturais em uma relação dialética com as maneiras de ocupar o espaço.

Uma área composta por associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais, onde sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes, ou seja, a paisagem corresponde a um organismo complexo, feito pela associação específica de formas e apreendido pela análise morfológica, ressaltando que se trata de uma interdependência entre esses diversos constituintes, e não de uma simples adição, e que se torna conveniente considerar o papel do tempo (Sauer, 1998, p. 13).

A paisagem é a primeira maneira de perceber o espaço e requer uma atenção especial quanto à sua sistematização. A divisão entre paisagem natural, social e cultural será abordada no próximo tópico, no entanto defende-se que a paisagem deva ser vista como um elemento único, integrador do meio natural e social, em que ambos se relacionam de maneira harmônica.

Paisagem cultural como patrimônio

Tendo como base a paisagem discutida em termos geográficos, a paisagem cultural nasce como uma categoria de análise que a diferenciava da paisagem natural e social. Sendo assim, essas três categorias totalizam o conceito de paisagem para a Geografia, que, como ciência da paisagem, significa pensar “a paisagem como um sistema de conceitos, formada pela tríade paisagem natural/paisagem social/paisagem cultural” (Rodríguez; Silva; Cavalcanti, 2022, p. 18). Na mesma obra, intitulada *Geoecologia das paisagens*, os autores defendem que a paisagem cultural “sustenta-se na ideia de que a paisagem é o resultado da ação da cultura ao longo do tempo, modelando-se por um grupo cultural, a partir de uma paisagem natural” (Rodríguez; Silva; Cavalcanti, 2022, p. 30).

A paisagem cultural seria a materialização da cultura moldada pelo tempo a partir do meio natural onde se desenvolve. Essa, em resumo, é a ideia trazida por Carl Sauer e que se tornou um clássico do pensamento geográfico sobre a paisagem. Nesse sentido, o espaço físico e natural ocupa um lugar de importância na determinação e no desenvolvimento da cultura. A partir dos anos 1990, sobretudo, os olhares para determinadas unidades de paisagens culturais começam a ganhar uma preocupação patrimonial. A Unesco estabelece, em 1992, o selo de paisagem cultural para fins de preservação. No Brasil, com a Portaria n.º 127, de 2009, o IPHAN torna-se responsável por cancelar essas unidades de paisagens culturais no país, com o mesmo fim preservacionista. O 8.º parágrafo da normativa que conceitua a paisagem cultural para o IPHAN dispõe em “uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores” (Brasil, 2009, p. 17).

Um ponto importante sobre a paisagem cultural e os seus mecanismos de preservação é a defesa do dinamismo da cultura, pensando-a sempre como algo volátil, mutável e sem espaço para definições rígidas. A própria portaria para o IPHAN delimita tal espaço quando diz:

A chancela da Paisagem Cultural Brasileira considera o caráter dinâmico da cultura e da ação humana sobre as porções do território a que se aplica, convive com as transformações inerentes ao desenvolvimento econômico e social sustentáveis e valoriza a motivação responsável pela preservação do patrimônio (Brasil, 2009, p. 17).

A paisagem cultural como conceito e técnica de preservação apresenta-se como um importante caminho adotado por entidades e institutos patrimoniais, sempre capitaneados pelo conceito da Unesco. No Brasil, a paisagem da zona sul do Rio de Janeiro foi a primeira paisagem cultural chancelada pelo IPHAN. Em 2009, juntamente com a normativa publicada no Diário Oficial, o instituto lança o livreto sobre a paisagem cultural, em que apresenta melhor o conceito e o novo instrumento de preservação, dando exemplos de localidades juntamente com as suas populações que se enquadrariam em uma paisagem cultural. Esse novo instrumento

representa uma inovação na maneira de trabalhar com o patrimônio cultural brasileiro. Embora não seja o único responsável pela chancela e preservação das paisagens brasileiras, o IPHAN é o principal articulador de ações de valorização, planejamento e gestão desse patrimônio (IPHAN, 2009, p. 13).

RECORTE DE PESQUISA

Geoparques mundiais da Unesco

Realizou-se em 1991, em Digne-les-Bains, na França, o 1.º Simpósio Internacional sobre a Proteção do Patrimônio Geológico. Apesar de outras tentativas precedentes e de haver pesquisas prévias envolvendo o tema, foi esse o evento que marcou uma nova aproximação com o que se convencionou chamar de patrimônio geológico. Tal conceito se traduz pela valorização do meio geológico quando este se encontra em estado de diversidade e importância. O interesse científico nesse contexto se coloca como o mais latente, porém há outras áreas que se aproximam quando o assunto é valorizar o patrimônio geológico, como, por exemplo, a educação para um público não especializado ou mesmo o turismo de base local (Brilha, 2012).

Ainda na década de 1990, a Unesco tenta consolidar um programa de proteção a áreas tidas como importantes do ponto de vista geológico, geomorfológico e paleontológico, o que não foi concluído por limitações financeiras. Mesmo com a negativa por parte de setores internos, “a Unesco decidiu apoiar simbolicamente as iniciativas pontuais que se enquadrassem na filosofia delineada inicialmente para o Programa Geoparques, nascendo assim a ligação entre esta instituição e os atuais Geoparques” (Brilha, 2012, p. 32).

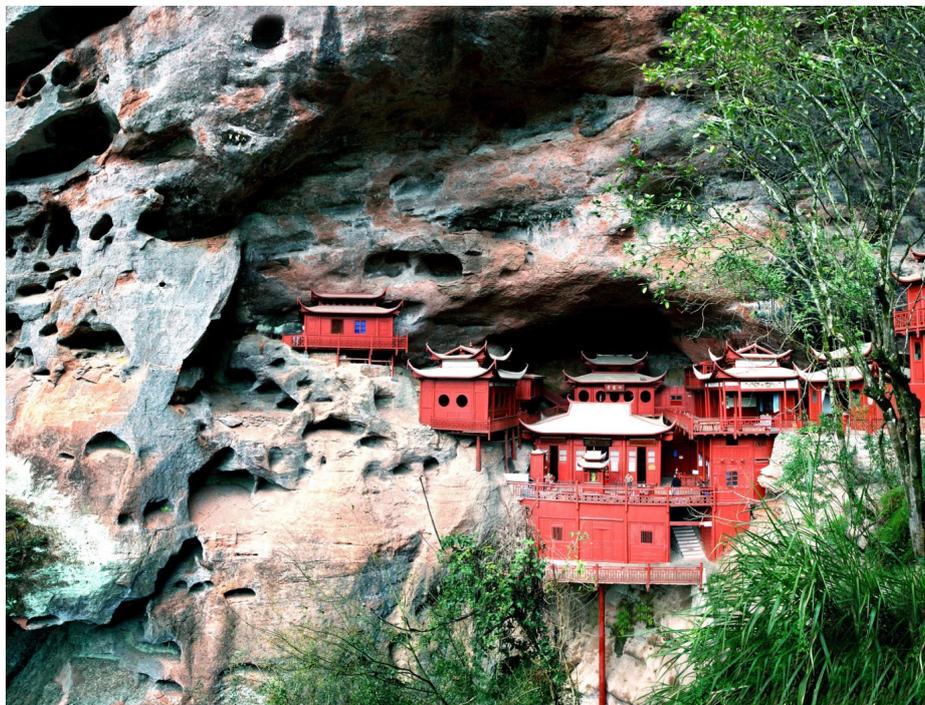
De maneira não oficialmente ligada à Unesco é criada, em 2000, a Rede Europeia de Geoparques (REG), congregando quatro parques. “A ideia de formar a REG nasceu a partir da sessão dedicada ao patrimônio geológico organizada durante o 30.º Congresso Internacional de Geologia, que decorreu em 1996 em Pequim” (Brilha, 2012, p. 32). A partir de 2001 a REG passa a ser reconhecida pela Unesco e funciona sob sua responsabilidade. Em 2004, a REG serve de inspiração para a criação da Rede Global

de Geoparques Nacional (RGGN), constituindo assim a rede que funciona até hoje e é responsável por promover e renovar a chancela para os geoparques aspirantes e já existentes.

Um geoparque, no entanto, não cria leis ou assume as funções de prefeituras ou governos estaduais, tendo assim um limite de influência no território onde é estabelecido. A título de comparação, por exemplo, temos no Brasil parques nacionais ou estaduais que trabalham com o conceito de conservação e que têm o poder de polícia e uma delimitação bastante restritiva quanto à ocupação humana. Estes ainda apresentam uma organização por zonas com diferentes níveis de conservação. Um geoparque, por sua vez, nasce de uma iniciativa da população local que solicita à Unesco a chancela de geoparque.

Tendo como horizonte “áreas geográficas unificadas, onde sítios e paisagens de relevância geológica internacional são administrados com base em um conceito holístico de proteção, educação e desenvolvimento sustentável” (Unesco, 2001), além das áreas de importância paleontológica e geológica, um geoparque é administrado. As unidades desse programa da Unesco objetivam o reconhecimento de patrimônios, expressos nos geossítios, e a valorização destes pela população local, por meio do uso para fins educacionais, turísticos e outros. Em resumo “um Geoparque procura estabelecer estas ligações de forma a promover uma identidade única do território, representada pelos seus aspectos naturais (geológicos, fauna e flora) e culturais” (Brilha, 2012, p. 32). Em 2000, temos os quatro primeiros territórios conferidos como geoparques, ainda pela REG, todos eles na Europa, naturalmente. Em 2023, em um salto quantitativo, a rede mundial de geoparques da Unesco conta com 195 geoparques, distribuídos em 48 países. Na figura 1 há um exemplo de paisagem pertencente a um geoparque, o Geoparque de Taining, na China. A relação muito próxima entre as barreiras naturais e sua respectiva relação com o modo de ocupação do lugar é algo característico de um geoparque.

Figura 1 – Geoparque em Taining, China



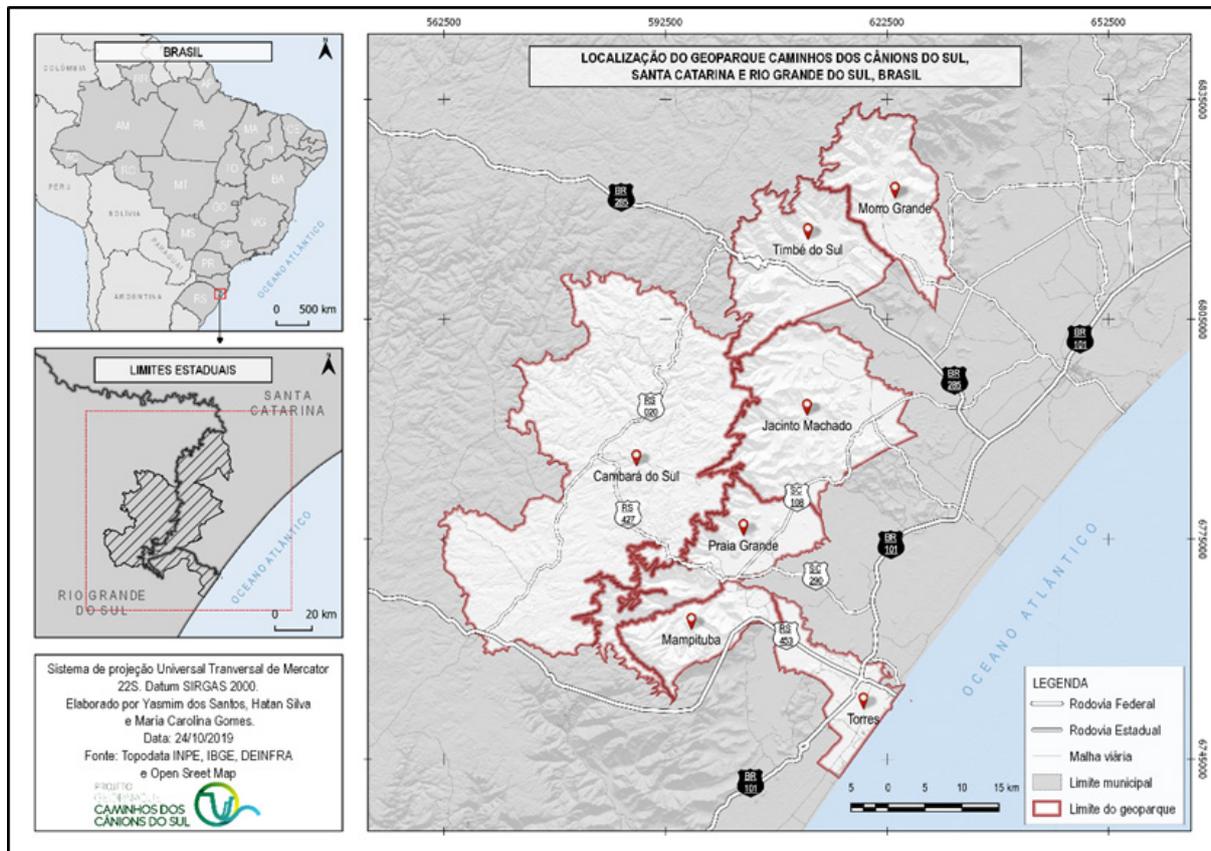
Fonte: Unesco (2023)

Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul

Em 2007, uma primeira tentativa de organização para a criação de um geoparque na região entre o sul do estado de Santa Catarina e nordeste do estado do Rio Grande do Sul começa a se constituir com a iniciativa de seis municípios da região. Em 2009, dois anos depois, a lista de municípios que tinham o intuito de organizar o pedido de chancela sobe para 19, em um processo que durou cerca de dez anos (GCCS, 2022). Em 2019, e com menos municípios, totalizando sete, sendo eles Torres, Mampituba e Cambará do Sul, no Rio Grande do Sul, e Praia Grande, Jacinto Machado, Timbé do Sul e Morro Grande, em Santa Catarina, o pedido de chancela foi efetuado. O processo de chancela, por sua vez, corresponde a um período longo de duração. O pedido de chancela para o GCCS coincidiu com o período da pandemia de covid-19, o que tardou o processo. O grande número de solicitações também é um fator, vide o ano de 2021, quando 18 projetos de geoparque foram analisados pela comissão responsável da Unesco (Prefeitura de Torres, 2022). Com o processo finalizado, em abril de 2022, a Unesco concede a chancela ao Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul, e este torna-se integrante da rede mundial de geoparques.

Na figura 2 apresenta-se o mapa de localização situando o território do GCCS, com uma área de 2.830 km² e 78.000 habitantes. Nele nota-se também a localização do município de Morro Grande, objeto de análise deste estudo, ao norte do território do GCCS.

Figura 2 – Mapa de localização do Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul – SC/RS



Fonte: Santos (2020)

Morro Grande conta com uma população de 3.010 habitantes, aproximadamente, segundo os prognósticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no Censo Demográfico 2022. O município estende-se por um território de 260 km² sob uma planície colúvio aluvionar e as escarpas da Serra Geral.

De acordo com Campos e Miziescki (2022, p. 54), “conforme as pesquisas arqueológicas, a região próxima ao território do Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul tem registros da presença de populações humanas desde aproximadamente 10 mil anos”. Grupos caçadores-coletores migraram por todo o entorno das escarpas da serra e dos arredores do Rio Manoel Alves e se apropriaram de cavernas e das diversas paleotocas espalhadas nos locais. Trata-se de estruturas escavadas por animais da megafauna no Pleistoceno, em que a maior parcela do território do geoparque está em Morro Grande, e que foram abrigos para esses primeiros grupos. O Geossítio Paleotoca das Três Barras é uma das maiores estruturas encontradas; nelas foram descobertos materiais líticos atrelados aos caçadores-coletores, como pontas de projétil e machadinhas, que fazem parte do acervo do Museu da Terra e da cultura de Morro Grande na atualidade.

Mais tarde, os Laklãnõ-Xokleng, descendentes desses primeiros grupos, “são recorrentemente citados nas narrativas coloniais, no folclore local, onde são popularmente nominados como bugres e botocudos” (Campos; Miziescki, 2022, p. 57). Termos que atualmente são considerados pejorativos e que tinham uma origem ligada ao fato de os indígenas não serem cristãos. Esses grupos tiveram contato direto com os tropeiros e com os imigrantes europeus entre os séculos XVIII e XX, em que políticas de extermínio foram adotadas principalmente centradas na figura do bugreiro: “mateiros e caçadores contratados para executar, expulsar e escravizar indígenas” (Campos; Miziescki, 2022, p. 58).

Por sua vez, as atividades de tropeirismo tem seu início na região em meados de 1800. Tropas de até 200 cabeças de gado transitavam por importantes caminhos de serras, como a do Pilão, em que se localiza o Realengo, em Morro Grande, atualmente. Casas de pouso e de comércio, pautadas na prática do escambo e na comercialização de produtos coloniais, foram construídas no entorno do Rio Manoel Alves, como é o caso do Casarão Sasso na comunidade de Nova Roma. A maioria desses caminhos possui uma beleza cênica vislumbrante dos cânions, montanhas, cachoeiras e dos meandros do rio, em que atualmente são trilhados por turistas e pesquisadores de diferentes lugares e áreas do conhecimento.

Os imigrantes europeus começam a chegar a Morro Grande em meados de 1918, essencialmente italianos e seus descendentes que migraram da região de Bérgamo. A agricultura em terrenos com desnível foi amplamente difundida no período, apropriando-se do solo fértil e do abastecimento de água dos canais do Manoel Alves. Tal cenário é percebido e as grandes montanhas serviram de inspiração para o nome “Morro Grande”. Por sua vez, o Rio Manoel Alves serviu de cenário para os usos cotidianos variados, das lavanderias a céu aberto até o lazer, bem como para tragédias, como afogamentos, enchentes e os famosos “rolos d’água”.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo estrutura-se com o objetivo de analisar as relações tendo o Rio Manoel Alves como um componente integrador na paisagem cultural do município Morro Grande, no sul do estado de Santa Catarina. Para tanto, os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa encontram-se em um levantamento bibliográfico acerca do território do município, bem como do território do GCCS. Em um segundo momento, fez-

se uma análise empírica com uma saída de campo para o município de Morro Grande, tendo como enfoque as relações da população local com o Rio Manoel Alves. Essa saída de campo e os seus respectivos apontamentos tiveram como horizonte o conceito de paisagem cultural. Com base nos resultados obtidos, foram produzidas fotografias que serão utilizadas com o objetivo de apresentação, registro, análise e como uma maneira de expor a paisagem cultural do município Morro Grande.

MORRO GRANDE: UMA PAISAGEM SOBRE SEIXOS

Morro Grande tem como principais marcas em seu território o curso do Rio Manoel Alves e a presença das escarpas da Serra Geral, as últimas estando nos limites do município. Na porção leste de Morro Grande, encontram-se as divisas entre os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e, neles, a entrada para o Planalto dos Campos Gerais, limitada pelas escarpas. Essas barreiras naturais, por sua vez, condicionaram e condicionam a ocupação do local por motivos distintos: em um primeiro momento, a elevada declividade apresentada pelas escarpas da Serra Geral impossibilita a ocupação ao longo desse compartimento, condicionando-a à planície colúvio-aluvionar. Já sob a planície tem-se o curso do Rio Manoel Alves, que preenche desde a sua nascente até o limite sudoeste do município ainda dentro do território de Morro Grande. A atividade do Rio Manoel Alves em seus vários caminhos ao longo de milhares de anos depositou seixos em seus meandros que, quando abandonados, proporcionaram às populações que ali se estabeleceram elevações convidativas à ocupação humana.

Em uma planície que ocasionalmente é atingida por chuvas intensas que ocasionam inundações, como é o caso da planície colúvio-aluvionar em questão, as elevações servem como resguardo para a reprodução da vida humana e de suas necessidades, como já comentado. Tais elevações, também chamadas de lóbulos, têm para a população local um valor econômico e cultural. Algumas delas são popularmente apelidadas de “lombas” e recebem alcunhas distintas, como “lomba do fumo” ou “lomba do arroz”.

O equilíbrio entre as barreiras naturais e a vida humana remete-nos à paisagem conceituada por Carl Sauer, quando este a define como uma associação entre o meio físico/natural e o social. A paisagem, portanto, tendo nas condicionantes naturais o berço para as impressões da vida humana ao longo do tempo, produz relações que são específicas de determinados locais. Tal resultado, quando encontrado em equilíbrio e de maneira indissociável, consolida o conceito de paisagem cultural que pode servir como procedimento de preservação. Os modos de vida, quando constatada a relação umbilical com o meio natural, requerem um cuidado e uma atenção especiais, que encontram, novamente, no conceito da paisagem cultural o seu horizonte potencial.

Na figura 3 temos uma condição que é comum em Morro Grande e que faz parte da paisagem local: uma casa construída sobre uma elevação. A elevação (lomba) é resultante da ação do Rio Manoel Alves em sua dinâmica pretérita. Logo à frente da casa, ainda sobre o lóbulo, há cultivo de fumo, tão comum no município. Atrás, servindo como plano de fundo para a paisagem, estão as escarpas da Serra Geral, delimitando assim o limite norte de Morro Grande. Essa associação entre as escarpas, o Rio Manoel Alves e as suas derivadas elevações é o tipo de ocupação comum em praticamente todo o município.

Figura 3 – Paisagem de Morro Grande



Fonte: Fotografia produzida pelo autor (2023)

A existência do Rio Manoel Alves como elemento integrador da paisagem não se limita à simples ocupação de suas margens ou mesmo pelas moradias e plantações que se sustentam sob suas elevações. Os próprios seixos do rio, quando não acomodados e processados pelo tempo, encontram utilizações variadas pelos moradores, desde ornamentos encontrados em casas e pátios até a utilização prática para as necessidades do dia a dia, como no uso para as construções. Para além da utilização do rio como fornecimento de matéria-prima ou sustentáculo da vida, há uma importante relação da cultura local sob o rio como patrimônio.

A autora Aionara Preis, em seu livro *Lugar de passagem*, traça todo o trajeto percorrido pelo Rio Manoel Alves desde a sua nascente até o encontro com o Rio Araranguá, culminando em seu deságue no oceano atlântico. Tal trajeto é contado sob a perspectiva do próprio rio, como se ele fosse um agente de sua história. “Dos momentos turbulentos que modificam a gente, têm aqueles períodos que tudo parece parar de vez e pra sempre!” (Preis, 2021, p. 10). Esse trecho retirado da obra apresenta contraste dos vários períodos pelos quais o rio e a população passam referentes aos seus momentos de baixa ou de extrema e violenta vazão. Os contrastes são visíveis nos acidentes ao longo de seu trajeto, como, por exemplo, nas pontes destruídas em momentos de fortes chuvas. As histórias contadas por seus moradores e as marcas na paisagem, por sua vez, trazem uma robustez cultural ao rio e à sua presença. O Rio Manoel Alves, para a população local, é ao mesmo tempo vida e morte.

Em texto intitulado “As múltiplas abordagens para o estudo da paisagem”, os autores Roberto Verdum, Lucimar Vieira e Maurício Pimentel (2016) apresentam uma abordagem quanto às possibilidades de estudo da paisagem. Uma delas abordada por eles diz respeito à memória, principalmente a memória das pessoas para com o lugar. Essa memória condiciona a maneira como apreendemos a paisagem e lhe atribuímos valor.

A memória é um dos agentes que determina a crescente complexidade da paisagem, uma vez que se acumula em estratos ao longo do tempo. Nas pedras, nas dobras e no simples caminhar do viajante se depositam uma infinidade de histórias, que por um lado compõe a paisagem tal como se apresenta fisicamente, e por outro, geram uma diversidade causada por esta multiplicidade de leituras (Verdum; Vieira; Pimentel, 2016, p. 134).

Por outro lado, existe a própria memória da terra, que encontra na geomorfologia a ciência que cumpre estudá-la. A memória da terra, silenciosa por conta de sua escala de atuação em relação ao tempo, imprime características na paisagem natural, as quais condicionam a paisagem social, que, ao encontrar equilíbrio ao longo do tempo, como já comentado, garante a existência da paisagem cultural. Em Morro Grande a memória da terra faz-se evidente sob a existência do Rio Manoel Alves e os seus depósitos de seixos. Um rio que ao longo dos milhares de anos serpenteou o seu caminho na planície colúvio-aluvionar, procurando e desenhando caminhos diversos expostos hoje por seu acúmulo de seixos e seus respectivos lóbulos.

Na figura 4 temos uma curva do Rio Manoel Alves ativa, com um depósito igualmente ativo que nos remete ao trabalho lento do tempo sob a paisagem natural. Uma ponderação necessária sobre a figura se faz por conta de uma ação antrópica no depósito existente. O acúmulo de seixo, visto à direita da fotografia, foi escavado por necessidade humana de reconstruir o caminho que o rio interrompeu.

Figura 4 – Memória da terra



Fonte: Fotografia produzida pelo autor (2023)

Se, por um lado, o rio mostra sua rapidez em alterar seu próprio curso, a lentidão do tempo é perceptível nas escarpas da Serra Geral, esculpidas ao longo de milhares de anos e que fazem descobrir as camadas de depósitos da Bacia do Paraná. Os vários depósitos, sejam eles de arenito Botucatu ou basalto, oriundo de derrame magmático, atuam para os habitantes da região como um grande obstáculo de acesso ao Planalto dos Campos Gerais. Tais barreiras naturais também operaram de maneira a condicionar a cultura local, seja por dificultar o avanço dos imigrantes no sentido oeste ou mesmo por contribuir para as lendas locais.

Quanto ao último item, há dois casos específicos em Morro Grande, sendo o primeiro as paleotocas, oriundas da megafauna do quaternário que encontrou no arenito Botucatu local propício para as suas escavações. Estas hoje servem como terreno fértil para lendas ou mesmo para contar as histórias de indígenas que ali viveram. Em segundo há a “janelinha”, que é uma forma específica, vista de determina ângulo, que se apresenta como um retângulo no alto da escarpa, o que, para os moradores de Morro Grande, significa algo muito particular da cultura local e que muitas vezes serve como ponto de referência, pois é possível avistá-la desde muitos quilômetros de distância.

Na figura 5 vê-se uma cena em que a escarpa da Serra Geral e o seu declive acentuado são nítidos, demonstrando a importância dessa barreira na paisagem local.

Figura 5 – Escarpas da Serra Geral



Fonte: Fotografia produzida pelo autor (2023)

Ainda em Sauer e pretendendo buscar por um conceito de paisagem cultural, tendo em vista a sua forma e função, temos uma preocupação no tocante às marcas que o ser humano imprime na paisagem natural. O texto “As múltiplas abordagens para o estudo da paisagem”, citado anteriormente, nos traz um pensamento semelhante sobre a perspectiva de análise da paisagem concreta. Esta nada mais é que as construções materializadas da sociedade na natureza, representadas aqui no município de Morro

Grande pelas estradas que contornam o Rio Manoel Alves, pelas estruturas que compõem o centro do município ou mesmo os lugares construídos com dedicação ao lazer ou às demais necessidades sociais da população que ali reside. Uma paisagem concreta, por sua vez, são as marcas que “se traduzem em formas, linhas, cores e texturas, condicionadas por fatores geológicos, geomorfológicos, ecológicos, e climáticos em constante transformação por dinâmicas físicas, sociais, econômicas e culturais” (Verdum; Vieira, Pimentel, 2016, p. 132).

A paisagem apresenta-se para a Geografia como um conceito de suma importância e tem em discussões teóricas distintas, como, por exemplo, a concreta e fenomenológica, o seu rejuvenescimento e construção de novos paradigmas. A caracterização do espaço pela sociedade foi se tornando cada vez mais uma preocupação geográfica, o que culminou em uma gama de apontamentos sobre a paisagem e também em ganhos técnicos e práticos. Um desses exemplos práticos é a utilização da paisagem cultural como patrimônio. Como bem disse Carl Sauer:

A paisagem cultural é a área geográfica em seu último significado. Suas formas são todas as obras do homem que caracterizam a paisagem. Com base nessa definição, em geografia não nos preocupamos com a energia, os costumes ou crenças do homem, mas com as marcas do homem na paisagem (Sauer, 1998, p. 57).

Um apontamento importante sobre a fala de Sauer é que, quando ele se refere ao distanciamento da Geografia para com os costumes, é possível concluir que a distância se dá pela diferença entre a Geografia e a Antropologia, por exemplo. A relação da Geografia com os costumes limita-se conforme estes empregam marcas no espaço.

O Rio Manoel Alves coloca-se como importante condicionante da paisagem no município de Morro Grande. Em confluência com esse rio há as escarpas da Serra Geral, que delimitam o município e contribuem para a construção dos modelos de ocupação no local. Com a devida importância dada ao tempo na produção da cultura sob as barreiras naturais, como aponta Carl Sauer, temos como resultado as especificidades da cultura de Morro Grande, que podemos concluir como sendo oriundas de uma matriz cultural de seus moradores associada às expressões do espaço natural que condicionam tal cultura. Com esse sistema em equilíbrio, podemos operar sob a paisagem cultural, o que, por ora, se define como um importante instrumento de preservação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo discutir a importância do Rio Manoel Alves como componente integrador da paisagem cultural do município de Morro Grande. Este trabalho, que pode ser chamado de preliminar, faz parte do projeto de dissertação que se inscreve na mesma temática e recorte espacial. Por consequência, terá aplicações futuras e novos horizontes teóricos. Algumas outras expressões naturais se mostraram importantes ao longo da pesquisa como resultado da análise empírica feita a partir da saída de campo para o local. Dentre as outras barreiras naturais, podemos elencar as escarpas da Serra Geral, a planície colúvio-aluvionar e o Planalto dos Campos Gerais. Tais monumentos naturais operam como determinantes para a cultura local que ali se instala e, posteriormente, por meio da conclusão de que há equilíbrio nessa relação, torna-se possível discutir o conceito de paisagem cultural para o município e uma provável relação patrimonial para a paisagem de Morro Grande.

A paisagem cultural, resultante do conceito de paisagem que vê na relação do meio físico e social a sua dinâmica integradora, proposta por sua vez por Carl Sauer, encontra aqui caminho profícuo para discussões e conclusões que podem acarretar atitudes de preservação. Por fazer parte de um território geoparque, a discussão se torna ainda mais pertinente, vide as possibilidades de construção dessa perspectiva com a população local. Algumas atividades já são vistas, ainda que de maneira preliminar, em Morro Grande, como resultantes da rede mundial de geoparques da Unesco. Exemplos disso são a venda de geoprodutos por produtores locais e o fomento do turismo de base local.

A paisagem como conceito apresenta limites e possibilidades de discussão que se tornam espaços abertos, a exemplo da multidisciplinaridade própria de sua natureza. No entanto é na Geografia que o berço conceitual da paisagem se constituiu e é nessa ciência, com a sua preocupação ontológica para com o espaço, que a paisagem ainda percorre o caminho mais fidedigno e profícuo. A paisagem apresenta-se, nesse contexto, como um dos principais instrumentos para a preservação de uma reprodução da vida de maneira equilibrada entre sociedade e natureza.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Portaria n.º 127, de 30 de abril de 2009. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 5 maio 2009.

BRILHA, José. A rede global de geoparques nacionais: um instrumento para promoção internacional da geoconservação. *In*: SCHOBENHAUS, Carlos; DA SILVA, Cassio Roberto (org.). **Geoparques do Brasil**. Brasília, 2012.

CAMPOS, Julian; ZILLI, Edson; MATIAS, Carlos; SANTOS, Marcos César Pereira; SILVEIRA, Paola Vieira da; LADWIG, Nilzo Ivo. Patrimônio histórico edificado dos caminhos das tropas na região do extremo sul catarinense. **Memorare**, v. 7, n. 2, p. 199-215, maio/ago. 2020.

CAMPOS, Juliano Bitencourt; MIZIESCKI, Mikael. A arqueologia dos povos originários na região do Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul. *In*: BAZOTTI, Leandro; BRESSEL, Tatiana (org.). **Guia dos Cânions dos Aparados da Serra Geral**. 1. ed. Viamão: Ed. dos Autores, 2022. v. 1, p. 54-60.

GCCS – GEOPARQUE CAMINHOS DOS CÂNIIONS DO SUL. **Geoparque mundial da Unesco Caminhos dos Cânions do Sul**. 2022. Disponível em: <https://canionsdosul.org/>. Acesso em: 18 ago. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Morro Grande no censo demográfico 2022**. Disponível em: cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/morro-grande.

IPHAN – INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Paisagem cultural**. 1. ed. Brasília, 2009.

MACIEL, Ana Beatriz; LIMA, Zuleide. O conceito de paisagem: diversidade de olhares. **Sociedade e Território**, Natal, v. 23, n. 2, p. 159-177, jul./dez. 2011.

FREFEITURA DE TORRES. **Unesco chancela Caminhos dos Cânions do Sul como geoparque mundial**. 2022. Disponível em: <https://torres.rs.gov.br/2022/04/13/unesco-chancela-caminhos-dos-canions-do-sul-como-geoparque-mundial/>.

PREIS, Aionara. **Lugar de passagem**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RODRIGUEZ, José; SILVA, Edson Vicente da; CAVALCANTI, Agostinho. **Geoecologia das paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2022.

SANTOS, Yasmin. **Cartografia geomorfológica de detalhe aplicada ao geopatrimônio: geomorfossítios do projeto Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul**. Dissertação (Mestrado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SAUER, Carl O. A morfologia da paisagem. *In*: CORREA; Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny; MARAFON, Glaucio José (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Geociências e geoparques mundiais da Unesco no Brasil**. 2001. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/fieldoffice/brasil/expertise/natural-sciences-earth-sciences-global-geoparks>.

VERDUM, Roberto; VIEIRA, Lucimar; PIMENTEL, Maurício. As múltiplas abordagens para o estudo da paisagem. **Revista Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 6, n.1, p. 131-150, 2016.